

## **José Sócrates defende política de "abertura responsável" à imigração**

O primeiro-ministro, José Sócrates, defendeu hoje uma "abertura responsável" à imigração e garantiu que Portugal pratica essa política e se insere numa União Europeia que tem como valores o realismo, a tolerância e o humanismo.

Sócrates, que falava no segundo dia de Cimeira Ibero-Americana, dedicada aos temas das migrações e do desenvolvimento, sustentou que na questão da imigração "há uma escolha eminentemente política a fazer" por parte de cada Estado. "Ou se escolhe uma via securitária e unilateral, ou se opta por solidificar um sistema baseado na segurança, mas também assente no espírito humanitário e na cooperação com os países de origem dos imigrantes", sustentou o primeiro-ministro.

Perante os chefes de Estado e de Governo presentes na cimeira, incluindo o Presidente da República, Cavaco Silva, Sócrates referiu que foi o seu Governo socialista que aprovou uma nova lei da nacionalidade e entregou na Assembleia da República uma proposta de lei de imigração, diplomas que afirmou pretenderem facilitar a inclusão.

Na sua intervenção, o primeiro-ministro afirmou que Portugal "sabe do que fala quando se discute o tema das migrações, porque tem larga experiência com o país de emigração, mas também como país de imigração". "Não existe imigração bem sucedida sem política de integração também bem sucedida. Em Portugal, o Governo deu prioridade à integração dos seus imigrantes", defendeu o chefe de Governo.

Sócrates assegurou ainda que "a agenda de Portugal é firme no combate às deploráveis redes de tráfico de seres humanos, mas também humanista, de mudança e de abertura responsável à imigração", sublinhando que o fenómeno da imigração é "transfronteiriço e global" e, como tal, "só pode ser regulado através da cooperação inter nacional".

"Tenho a profunda convicção de que este fenómeno das migrações pode ser um jogo de soma positiva para os países de destino, para os países de origem e, sobretudo, para os próprios imigrantes", declarou.

"Se conseguirmos não ceder a respostas fáceis e primárias, se procurarmos respostas inteligentes e humanistas, poderemos estar no bom caminho", disse ainda o responsável, antes de advertir que esse caminho "exige reformas" económicas e políticas em muitos países.

*In Público 04-11-06*